

Reflexões sobre o planejamento do ensino de Odontologia

A educação não deve mais ser compreendida como um processo desenvolvido apenas na escola, sem relacionamento com o contexto social. O profissional deve ter uma formação global, orientada para a promoção de Saúde.

Ivani Lombardo

• Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Universidade de Campinas

As reflexões apresentadas neste documento resultaram de uma longa convivência com professores e alunos de cursos de Odontologia localizados nas diferentes regiões do País, iniciadas com o Projeto PADES/Odontologia. Trabalhar com eles, partilhar as dificuldades, as angústias, e também as compensações, produziu uma experiência valiosa: familiarização com o currículo dos cursos e a constatação de que os problemas enfrentados são sempre os mesmos, seja nas instituições oficiais ou particulares. Assim, as colocações que se seguem, embora calcadas na teoria, não são imaginadas, mas sim vivenciadas inúmeras vezes, em diferentes locais. A intenção deste texto é tentar fazer com que o pessoal envolvido nos cursos de Odontologia reflita sobre os aspectos aqui abordados, tendo em mente que as soluções para as dificuldades não são difíceis e nem utópicas. Ficam registrados os agradecimentos ao Prof. José Ranali pelas sugestões, originárias de sua dedicação à melhoria do ensino de Odontologia.

CURRÍCULO BASEADO EM DISCIPLINAS VERSUS CURRÍCULO INTEGRADO

“O mundo atual, globalizado, em contínua mudança, exige dos novos profissionais uma formação flexível que lhes proporcione o desenvolvimento de raciocínio lógico, autonomia, articulação verbal, capacidade de iniciativa, comunicação e cooperação, capacidade de tomar decisões” (MACHADO, 1996).

Atualmente, já não é mais possível entender a educação como um processo desenvolvido apenas

da escola, sem relacionamento com o contexto social.

Isto requer dos futuros egressos uma maneira de pensar também “globalizada”, ou seja, a capacidade de, frente a uma situação de tomada de decisão, encará-la como um todo, buscando na sua bagagem de conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação, as possíveis alternativas para a solução do problema com o qual se defrontam.

A proposta de “Diretrizes curriculares para os cursos de Odontologia”, propõe o seguinte perfil do egresso dos cursos de Odontologia: “profissional generalista, com sólida formação técnico-científica, humanista e ética, orientada para a promoção de saúde, com ênfase na prevenção de doenças bucais prevalentes e consciente da necessidade da educação continuada.” O Exame Nacional de Cursos tomou como referência este perfil profissional definido, para avaliar o graduando ao final do curso (Portaria nº 1.789, de 17/12/99).

Ante tais solicitações, é preciso reconhecer que as instituições devem fornecer uma formação global, e não mais especializada em algumas áreas e menos em outras, como se observa atualmente. Dependendo do quão especialista é o docente numa determinada área, ou do quão entusiasta é ao desenvolver suas aulas, os alunos tendem a assimilar melhor os assuntos discutidos. Muitas vezes, eles decidem sua futura especialização, influenciados pelo professor. Frequentemente, o especialista tem o costume de ministrar conteúdos excessivos sobre sua área, ou aprofundar em demasia alguns assuntos, muitas vezes sem levar em conta o perfil profissional que se objetiva em um curso de graduação.

Além disso, alguns deles mantêm-se descompromissados com o processo global de formação do aluno, preocupando-se tão somente com sua área de atuação.

É preciso, antes de tudo, lembrar que o curso de Odontologia tem como objetivo primordial formar um clínico geral, um profissional capaz de diagnosticar, planejar, executar e avaliar os problemas odontológicos de cada paciente. Tais competências envolvem a integração de muitos conhecimentos, desenvolvidos por docentes de diferentes disciplinas. Se estes professores não se interessam em planejar um currículo integrado, como podem formar um profissional generalista?

Em nossos cursos de Odontologia, ainda há professores que defendem a idéia de que as disciplinas podem ser desenvolvidas de maneira estanque dentro de um curso, cabendo aos alunos integrar os conhecimentos adquiridos para deles fazer uso na vida profissional.

A realidade tem demonstrado que isto raramente ocorre: quando se apresenta aos alunos um caso clínico, por exemplo, real ou simulado, para que eles façam o diagnóstico e proponham alternativas de solução, justificando-as, eles têm dificuldade. Isto porque uma grande maioria não consegue fazer essa integração, como se pode observar, por exemplo, analisando os resultados do “Provão”, onde tal habilidade é avaliada. Ou então na clínica, quando ele se depara com um problema que exige o domínio de mais de uma especialidade ou área, como, por exemplo, uma lesão endo-pério.

Adquiriram conhecimentos em disciplinas isoladas durante todo o curso, inúmeras vezes nem sabendo para que iriam servir na sua atuação profissional futura. Foram avaliados, e muitas vezes reprovados em disciplinas que, aparentemente, nada tinham a ver com o curso escolhido. Há alunos que desistem do curso, achando que não era bem aquilo que desejavam estudar em Odontologia.

Cabe aos docentes, desde o primeiro instante do curso, relacionar sempre o que está sendo estudado no momento com a atuação profissional futura. Aqui se destaca o importante papel dos professores da área básica, que são os primeiros a receber os alunos e trabalhar com eles: é preciso explicar-lhes sempre, como aqueles conhecimentos, às vezes tão maçantes, estão relacionados com a sua futura atuação profissional. Os alunos ainda não conseguem entender, sozinhos, quais conhecimentos teóricos são fundamentais para sua profissão e que, quando estiverem realizando as atividades clínicas, lhe darão

a necessária segurança para a tomada de decisões e a conseqüente execução da tarefa planejada. Este relacionamento entre o conteúdo das áreas básicas e a aplicação clínica é tema importante e sempre lembrado, porém não se conseguiu até o momento uma atitude mais positiva por parte dos docentes da área básica, para que se tornem os principais artífices dessa ligação. Entretanto, todos reconhecem que a motivação inicial é fundamental para o desempenho do aluno durante o curso.

Além do tratamento multidisciplinar a ser dado ao conteúdo da área básica, outro aspecto importante, é o modo de enfocá-lo, ou seja, procurar uma forma mais dinâmica para apresentar o conteúdo, como por exemplo, através da PBL (aprendizagem baseada em problemas, que visa induzir os alunos a resolver problemas); com mais liberdade de horário para a aquisição do conhecimento e a utilização de um processo de avaliação mais criativo, que realmente determine o grau de aprendizado do conteúdo fundamental para a formação do aluno (que nem sempre é o conteúdo que o professor desejaria).

Constata-se que é impossível fornecer aos alunos uma formação geral, trabalhando com matérias isoladas. A integração entre as disciplinas é extremamente importante: além de permitir ao aluno a compreensão de que o conhecimento é um todo em seu conjunto, motiva tanto os alunos como os docentes, quando percebem que esta integração facilita o ensino, o estudo e a aprendizagem. Auxilia também a solucionar o dilema de formar um profissional com perfil generalista através de matérias isoladas (ou estanques) ou ter de alterar o perfil estabelecido, de um profissional generalista para o de um profissional especialista.

RIBEIRO, em seu artigo “Novos espaços sociais de aprendizagem e difusão do conhecimento” (Caderno LCE, NUTES - UFRJ, 1999), comentando a formação dos profissionais na área de Saúde, coloca que:

- “dissocia-se a teoria e a prática, o ensino e a pesquisa; fragmenta-se o conhecimento em disciplinas e em áreas de especialização;
- os currículos não conduzem à preparação de profissionais capazes de acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico;
- os conteúdos das disciplinas, expressando com freqüência uma excessiva e precoce especialização, descuidam da formação geral e humanista”.

Portanto, parece ser consenso geral entre o pessoal da área de Saúde, que o ensino deve ser integra-

do, para que profissionais mais competentes sejam formados.

No trabalho de elaboração do currículo integrado, horizontal e verticalmente, é necessário que os docentes, tendo definido seus objetivos e o conteúdo programático para atingi-los, apresentem este planejamento aos demais colegas. Assim, haverá uma troca de informações que permitirá descobrir conteúdos desnecessários ou repetidos, lacunas, conteúdos afins que podem ser integrados e maneiras de trabalhá-los em conjunto com diversas disciplinas (interdisciplinaridade).

A integração não pode ser improvisada, nem planejada e/ou imposta por pessoas alheias ao processo de ensino. Exige reflexão e discussão entre os professores. Por isso não se consegue resultados satisfatórios quando são utilizados como modelos, projetos curriculares prontos (de outras instituições), pois estes não se adaptam às especificidades inerentes a cada IES, à sua região e ao seu próprio corpo docente.

Certas condições são fundamentais para que um trabalho de integração curricular obtenha sucesso:

- que haja apoio institucional, inclusive em termos de horário específico destinado ao trabalho; há instituições que não proporcionam aos docentes o espaço para tal atividade;
- que o coordenador do curso de graduação, ou um assessor pedagógico, acompanhe o processo, mantendo contato direto com alunos e docentes para identificar e sugerir soluções para os problemas que possam surgir;
- que todos os docentes conheçam os conteúdos de todas as outras disciplinas;
- que todos os envolvidos concordem que as disciplinas (e respectivos conteúdos) devem fazer parte de um todo, cujo objetivo é a formação do profissional desejado; portanto, de comum acordo, só devem ser incluídas as disciplinas realmente relevantes para essa formação;
- que todos os docentes participem ativamente do processo de integração; para tanto é preciso que o aceitem e, evidentemente, que o compreendam.

A integração deve acontecer durante o planejamento, depois que os professores de cada uma das disciplinas terem delineado os conteúdos que pretendem desenvolver durante o semestre, ou ano. Os professores devem expor, sucintamente, o que planejaram e todos devem opinar sobre a relevância dos conteúdos, identificar os pontos de integração e sugerir o envolvimento das diferentes disciplinas.

Por exemplo, o problema da dor, que deveria ser abordado por todas as disciplinas do curso de Odontologia: quem o faz? Com qual conteúdo? Em quais momentos?

Este trabalho de todos os docentes, em conjunto, facilita a integração curricular, e, com certeza, torna o processo de ensino mais coerente, mais lógico e mais produtivo.

INTERDISCIPLINARIDADE E MÓDULOS

DEMO (1997) recomenda que os cursos devem cuidar para não formar o que chama de “idiota especializado”, que sabe muito de quase nada, com um tipo de visão deturpada da realidade. Afirma que “é preciso abrir a possibilidade de trabalho conjunto com áreas afins e mesmo com áreas aparentemente distantes. A razão maior está na necessidade de superar a visão setorial. Não se trata de propor o extremo oposto – o especialista em generalidades –, já que o aprofundamento verticalizado supõe conhecimento enfocado”. É necessário que o aluno perceba a realidade como um todo, valorizando tanto o específico como o conjunto.

Quanto mais disciplinas estiverem envolvidas na aprendizagem de um determinado conteúdo, mais interessante e desafiador ele se tornará para o aluno. Assim, afirma DEMO, “é perfeitamente pensável que existam acordos interdepartamentais para este tipo de atividade”.

“O processo profissionalizante não pode ser visto como primazia da prática, nem da teoria, por conta da adequada formação da competência. O questionamento reconstitutivo coloca-se como desafio maior, implicando o saber pensar para o saber fazer, ou o aprender a aprender. O mero fazer deve ser substituído pelo saber fazer e sobretudo pela capacidade de sempre refazer. Assim, o mero pensar precisa ser substituído pelo saber pensar e sobretudo pelo aprender a aprender” (DEMO, 1997).

Não se pode solucionar com sucesso (diagnóstico e tratamento) um problema de desordem crânio-mandibular, por exemplo, sem o domínio de pré-requisitos teóricos sobre atividade muscular, inflamação e mecanismos da dor, entre outros. Nesse caso, o profissional deve associar uma variedade de conhecimentos para analisar e solucionar o problema. Se durante sua graduação esses conhecimentos foram ministrados de maneira integrada, certamente ele os usará de maneira muito mais racional do que se tiverem sido ministrados de forma estanque.

Uma das maneiras de se trabalhar integrando di-

ferentes disciplinas, é através de módulos. “Módulo instrucional é um conjunto de atividades planejadas para facilitar o alcance de um objetivo ou conjunto de objetivos” (ARENDS, 1973).

No ensino através de módulos, o processo de ensino/aprendizagem gira em torno de um tema central, onde cada disciplina contribui com o conteúdo específico para desenvolvimento daquele assunto, naquele determinado momento do curso.

A Universidade Estadual de Maringá tem trabalhado com módulos instrucionais, onde as disciplinas, e seus respectivos docentes, atuam no momento propício ao desenvolvimento de determinado conhecimento. Em seguida, estão apresentados exemplos de módulos utilizados na UEM, fornecidos pelo Prof. Carlos Alberto Conrado.

2ª série

Módulo 6.3. Introdução e Diagnóstico (cárie), unidades 6.3.4 a 6.3.9

Exame clínico (cárie): conceituação e princípios - exame clínico específico, individual e coletivo - diagnóstico dental - classificação da cárie dentária de acordo com sua localização no dente e com seu estágio de atividade clínica - aspectos morfológicos das camadas de esmalte e dentina coronária, suas modificações com a cárie, idade e outros fatores - aspectos radiográficos e clínicos - estruturas periodontais.

Módulo 6.4. Etiopatogenia, unidades 6.4.1 a 6.4.14

Relação entre metabolismo de bactérias e pH - papel do flúor - mecanismos prováveis de formação da cárie dentária - teorias da cárie - identificação das teorias - relação entre cárie dentária e placa dental - microbiologia da cárie - estudos experimentais - condições de transmissibilidade - imunologia da cárie - aspectos histopatológicos da cárie de dentina e esmalte - testes de atividade cariogênica - teste bacteriológico de controle - disfunções salivares.

Percebe-se conteúdos de diferentes áreas reunidos. O importante é que esses conteúdos sejam ministrados no momento mais propício ao processo de aprendizagem e não no momento mais conveniente ao professor.

DOMÍNIO AFETIVO

De maneira geral, predominam nos currículos dos cursos de graduação, objetivos dos domínios cognitivo (teoria) e psicomotor (prática). Objetivos relacionados ao domínio afetivo sequer constam dos planejamentos. A preocupação predominante é for-

mar-se um profissional eficiente, com um desempenho tecnicamente perfeito. Comportamentos que visem o bem estar do paciente, o relacionamento professor/aluno, profissional/paciente, alunos e professores entre si, que deveriam ser desenvolvidos paralelamente ao processo de ensino/aprendizagem, não fazem parte dos planejamentos de curso. Tais comportamentos são importantes, na medida em que trazem benefícios ao relacionamento paciente/profissional, resultando em um tratamento mais seguro e de melhor qualidade.

Consciência social, humanismo, ética, prevenção, cidadania são aspectos que devem estar presentes nas realidades sociais envolvidas na aprendizagem, como clínicas intra- e extra-muros, serviço rural (onde se aprende também racionalização e simplificação do trabalho), campanhas de educação em escolas, creches (educação da comunidade), etc. O aluno deverá ser estimulado a criar um grau de consciência que não permita que os valores ético-morais e bioéticos sejam substituídos por outros valores. Durante todo o curso, pacientes, colegas, professores, funcionários, devem ser vistos como seres humanos, com respeito à individualidade, a direitos e a um relacionamento interpessoal adequado. Para isso, é fundamental que os docentes se conscientizem da importância desse comportamento e modifiquem suas atitudes, servindo como modelos para os alunos. Afinal, se não mudarem a si próprios, como poderão formar seus alunos?

Deve-se visar a formação de um profissional mais participativo na sociedade, em todos os setores, preparado intelectualmente, para que não se sinta constrangido frente a outros grupos. Um indivíduo opinativo na política, na sua área de trabalho (saúde), nas artes, eliminando o estereótipo de que a maioria dos dentistas não tem uma boa cultura geral. “Geralmente, entrosou-se melhor socialmente, o dentista que é bom contador de piadas ou bom mestre cuca”, segundo RANALI.

A formação do futuro profissional envolve as dimensões cognitivas, afetivas e psicomotoras, nas seguintes áreas:

- **formação geral** - conhecimentos e atitudes relevantes para a formação científico-cultural do aluno;
- **formação profissional** - competências relativas às ocupações correspondentes;
- **cidadania** - atitudes e valores correspondentes à ética profissional e ao compromisso com a sociedade.

Assim, ao planejar o processo de formação de

seus alunos, devem ser incluídos os seguintes aspectos:

- participação do aluno na sua avaliação;
- ética nas relações professor-aluno;
- atendimento ao aluno;
- auto-disciplina;
- pontualidade;
- assiduidade;
- serviço à comunidade.

Seguem-se alguns exemplos de comportamentos pertencentes ao domínio afetivo, que devem ser desenvolvidos nos alunos, através de atitudes motivadoras, não esquecendo que os professores servem de modelo de comportamento. Não adianta uma aula muito bem explicada e convincente sobre a importância da cadeia asséptica na clínica, por exemplo, se o professor sai da mesma por um motivo qualquer e ao voltar, não executa os procedimentos corretos que ele recomendou na aula teórica:

- escutar com atenção as explicações do professor;
- mostrar-se sensível ante as necessidades humanas e problemas sociais;
- realizar as atividades previstas na aula;
- respeitar as regras do laboratório;
- participar espontaneamente dos trabalhos de grupo;
- apresentar-se voluntariamente para tarefas especiais;
- mostrar preocupação com o bem estar dos pacientes;
- valorizar o rigor científico de um trabalho;
- defender uma atitude preventiva ao invés de curativa em relação à saúde oral;
- desenvolver um código de comportamento baseado em princípios éticos, para regular sua vida pessoal e profissional;
- demonstrar independência e autonomia no seu trabalho;
- revelar rigor científico em todas suas atividades de pesquisa;
- demonstrar ser trabalhador, pontual e disciplinado por conta própria.

Numa época em que o mundo todo está valorizando a formação humanista do profissional da saúde, vale a pena investir no desenvolvimento de interesses, atitudes e valores dos alunos, que sejam condizentes com seu futuro desempenho.

INTERPROFISSIONALIDADE E PROJETOS DE EXTENSÃO

“A universidade deve estar integrada com o sistema de sa-

úde local de modo permanente, não se limitando à simples utilização de seus serviços para a prática da docência. O sistema educacional deve interagir com o de prestação de serviços a fim de que os termos desta equação se equilibrem em contínua interfertilização” (MEC, 1981).

Esta recomendação está inserida no Programa de Integração Docente-Assistencial - IDA, produto da XXX Assembléia Mundial da Saúde.

Constata-se que já há duas décadas atrás o MEC recomendava a integração do ensino superior, de graduação e pós-graduação, com os serviços de saúde, com o objetivo de promover maior integração entre os profissionais da área, através da troca de experiências.

Também o Currículo Mínimo, já em 1982, expressava e incentivava atividades extra-muros integradas com outras profissões.

Quando os alunos trabalham na comunidade, vivenciam experiências reais que muitas vezes são difíceis de encontrar na clínica da faculdade.

Há necessidade, portanto, de que as instituições planejem seus currículos para desenvolver no aluno habilidades específicas para uma prática profissional coletiva, comprometida com a sociedade, bem como sensibilizá-lo para a melhoria das condições de saúde da população. Para tanto, é necessário que os docentes sejam sensibilizados para que não oponham resistência a este tipo de trabalho.

“A idéia é levar o aluno a participar ativamente do sistema de saúde, com responsabilidade crescente ao longo do curso, de acordo com seus conhecimentos e habilidades, com o objetivo de adquirir, ao longo do processo, uma compreensão do homem como um todo dentro do seu meio e, ao mesmo tempo, estar preparado para resolver os problemas de saúde prevalentes no País” (PIEADA, 1976).

A integração das disciplinas dos cursos de Saúde deve resultar num currículo que proporcione a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridos na vivência do mundo real, através de um processo de ensino-aprendizagem desenvolvido simultaneamente, na escola e na comunidade.

Os futuros profissionais que participarem de atividades extra-muros, com certeza estarão melhor preparados para trabalhar nos serviços de Saúde, pois já terão adquirido uma consciência social comunitária.

Assim, o curso de graduação deve promover a integração das atividades realizadas na universidade,

em locais próprios de trabalho profissional do CD, em outros espaços buscando sempre a aprendizagem relacionada com soluções de problemas, valorizando as técnicas atuais e o atendimento às necessidades de Saúde da população e de acordo com suas possibilidades econômicas.

Outros cursos da área de Saúde também estão preocupados com a interprofissionalidade. O professor titular da Weill Medical College, Cornell University, Thomas Maack (que é brasileiro e tomou posse recentemente na Academia Brasileira de Ciências e foi um dos responsáveis pela implantação da reforma curricular no curso de medicina da Cornell University), falando sobre as propostas de reforma curricular do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, afirma que inserir os alunos de medicina dentro das realidades das comunidades locais, regionais ou mesmo nacionais é uma importante meta da reforma. “A aproximação do aluno com os focos endêmicos geradores de doenças é muito relevante na formação do aluno”, considera Thomas Maack que acrescenta: “São experiências *in loco* das disciplinas básicas do currículo”. Ressalta que entre os objetivos da reforma curricular está a adequação dos cursos aos avanços da medicina moderna e a multidisciplinaridade nos cursos. As colocações para o curso de Medicina são igualmente válidas para o de Odontologia.

O último documento da UNESCO sobre o ensino superior “Declaração mundial sobre educação superior no século XXI – visão e ação”, destaca as habilidades esperadas do profissional universitário do século XXI:

- ser flexível, não especializar-se demais;
- investir na criatividade, não só no conhecimento;
- aprender a lidar com incertezas;
- preparar-se para estudar durante toda a vida;
- ter habilidades sociais e capacidades de expressão;
- saber trabalhar em grupo;
- estar pronto para assumir responsabilidades;
- ser empreendedor;
- entender as diferenças culturais;
- adquirir intimidade com novas tecnologias, como a Internet.

Conclui-se que não é mais possível a instituição manter-se isolada, impedindo que seus alunos participem ativamente do trabalho na comunidade, atendendo às necessidades da população, num trabalho integrado com as demais profissões da área de Saúde.

NOVAS DISCIPLINAS VERSUS NOVOS CONHECIMENTOS

RIBEIRO, em seu artigo “Novos espaços sociais de aprendizagem e difusão do conhecimento” (Caderno LCE, NUTES - UFRJ, 1999), comentando a formação dos profissionais na área de Saúde, coloca que:

- “dissocia-se a teoria e a prática, o ensino e a pesquisa; fragmenta-se o conhecimento em disciplinas e em áreas de especialização;
- os currículos não conduzem à preparação de profissionais capazes de acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico;
- os conteúdos das disciplinas, expressando com frequência uma excessiva e precoce especialização, descuidam da formação geral e humanista”.

Consciência social, humanismo, ética, prevenção, cidadania, são abordagens que devem estar distribuídas em todas as disciplinas, e ser da responsabilidade de todos os docentes.

Não é necessário criar uma disciplina de Bioética, por exemplo. Durante todo o curso, o aluno deve ser habituado a discutir situações da prática profissional. A experiência adquirida durante os anos de curso, os modelos de comportamento e atuação fornecidos pelos docentes, são elementos norteadores para os alunos. A exploração de situações vivenciadas nas clínicas, laboratórios e salas de aula favorecem o desenvolvimento de habilidades que permitem ao aluno estudar e propor alternativas viáveis para a resolução dos problemas surgidos. Durante o curso todo, é preciso desenvolver nos alunos um comportamento crítico e ético, tarefa que vai sendo construída em todas as aulas, de todas as disciplinas, e não apenas numa específica. O mesmo ocorre com os conteúdos de Prevenção, Oclusão, etc.

A promoção de saúde, a bioética e a biossegurança são o fundamento básico do ensino e devem ser focalizadas nas diferentes disciplinas ou atividades do curso de graduação.

A seguir, estão apresentadas as colocações do Prof. Antonio Cesar Perri de Carvalho, sobre o tema “Novas disciplinas *versus* novos conhecimentos”.

Entre as matérias novas, propostas pelo projeto de “Diretrizes curriculares” e pelo “Instrumento de verificação das condições de oferta dos cursos de graduação em Odontologia”, estão: Implante, Terceira Idade, Clínica do Bebê, Pacientes Especiais, Bioética, Biossegurança, Informática, Metodologia Científica, Português e Língua Estrangeira (instrumentais). Também Estética, Implante, Biomateriais,

Laser, Odontologia Ocupacional, estão entre os temas discutidos pela Comissão de Normatização de Novos Procedimentos e Biomateriais em Odontologia.

A introdução de novos conhecimentos no currículo é indiscutível, mas é preciso refletir-se sobre como fazer essas inserções. O primeiro ímpeto, quase generalizado, é o de criar-se novas disciplinas: o currículo ficaria sujeito a constantes novos acréscimos de disciplinas, e até de semestres letivos. E também a modismos, vontade de professores ou até mesmo a estratégias de “marketing” de cursos ou faculdades.

O parâmetro fundamental para se organizar o currículo do curso, é o perfil do egresso definido nas diretrizes citadas e para a elaboração do Exame Nacional de Cursos: “profissional generalista, com sólida formação técnico-científica, humanista e ética, orientada para a promoção da saúde, com ênfase na prevenção de doenças bucais prevalentes, e consciente da necessidade de educação continuada” (Portaria MEC nº 1.789, de 17/12/1999).

Partindo-se da premissa de que se objetiva formar um profissional generalista – com base num projeto pedagógico que assegure o máximo de integração curricular, obviamente sem tendências de especializações precoces –, em um curso de graduação que deve privilegiar o paciente como um todo bio-psico-social e somático, em princípio fica prejudicada a proposta, muitas vezes imediatista, de que cada novo conhecimento deva ser transformado em nova disciplina.

O perfil do profissional a ser formado, as habilidades esperadas e suas competências profissionais, balizarão o conteúdo a ser tratado como matéria – até obrigatória –, mas colocado numa ou mais disciplinas, de forma que se assegure a integração horizontal e vertical dos conhecimentos tratados durante o curso.

Qualquer dos novos conhecimentos citados, poderão ser transformados em disciplinas eletivas ou optativas, com nível e abrangência que extrapolem o essencial que deve ser desenvolvido no curso de graduação, facultando o aprofundamento da matéria aos interessados nela, e que para tanto, farão inscrição específica.

Como ilustração do raciocínio explicitado, apresenta-se o exemplo os conteúdos de 3ª idade e de implantes, sobre os quais profissional generalista recém-formado deve ter conhecimentos. Esses conteúdos não precisam, obrigatoriamente, ser transformados em novas disciplinas. Todavia, se o forem,

o professor responsável, preferencialmente, coordenará os docentes das várias áreas envolvidas para assegurar a forma integrada de ministrar a disciplina.

Os temas de 3ª idade integrarão disciplinas que tratem de ciências sociais, de diagnóstico e de planejamento de terapêuticas, desde farmacológica até procedimentos operatórios. Os temas sobre implantes integrarão disciplinas que trabalhem as questões de estruturas ósseas e dos tecidos moles, desde os procedimentos profiláticos até terapêuticos: aspectos farmacológicos, biomateriais, princípios de técnica cirúrgica, reconstrução protética e bioética.

Assim, esses temas poderão estar presentes na atuação rotineira de clínica odontológica. Isto não significa porém, que o aluno concretizará todos os procedimentos cabíveis para o melhor atendimento do paciente. Ele deve ter uma visão geral sobre os temas, ter consciência dos limites de sua atuação e, se for o caso, do encaminhamento para especialistas.

É importante que o aluno chegue ao final do curso de graduação atualizado em sua área profissional, valorizando a educação continuada e a incorporação de novos conhecimentos.

MUDANÇA DO PAPEL DO PROFESSOR

Em muitos cursos, os professores ainda continuam repassando grandes quantidades de conhecimentos, organizados em disciplinas; cabe aos alunos copiá-los, memorizá-los e demonstrar oficialmente que “aprenderam” através dos acertos nas provas. Atualmente, o papel do professor é outro. Ele não é mais a fonte do conhecimento para alunos passivos que ouvem e anotam, mesmo porque a ciência avança tão rápido que é impossível a transmissão oral do saber, como nos tempos antigos.

O professor é agora um orientador do ensino para a busca das informações, um facilitador da aprendizagem, um planejador e organizador do curso, um consultor, orientador, avaliador e revisor do currículo, um estimulador da capacidade crítica dos alunos para ler e interpretar trabalhos científicos. É também um orientador na elaboração e publicação de trabalhos de iniciação científica, um apoio para o aluno superar dificuldades, um organizador de seminários e discussões de casos clínicos, enfocando os problemas que surgem na clínica e as possíveis soluções dos mesmos, utilizando como embasamento os conhecimentos adquiridos através do estudo das áreas básicas.

O professor deve ser o amalgamador (ou aglutinador) dos conhecimentos adquiridos pelos alunos; é aquele que em clínica deve mostrar a importância

dos conhecimentos sobre biossegurança e bioética entre outros, colocando-os em prática no dia a dia, independentemente de sua área específica de atuação. Deve valorizar os conhecimentos adquiridos nos diferentes momentos do curso, mostrando que é mais importante a aquisição dos mesmos, do que quem os “ministra”. Deve transmitir segurança ao aluno, de modo que este possa realizar seu aprendizado de maneira consciente, sabendo quais dificuldades poderá encontrar mas, sobretudo, sabendo quais recursos disponíveis para superá-las. ■

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Superior. *Diretrizes curriculares dos cursos de Odontologia. Proposta da Comissão de especialistas de ensino de Odontologia*. Brasília, 1998.
- _____. *Programa de integração docente-assistencial*. Brasília, 1981. V. (Série Cadernos de Ciências da Saúde, 3)
- DEMO, P. *Avaliação sob o olhar propedêutico*. Campinas : Papyrus, 1996.
- _____. *Educação e qualidade*. Campinas : Papyrus, 3. ed., 1996.
- _____. *Educar pela pesquisa*. Campinas : Autores Associados, 2. ed., 1997.
- MACHADO, L. M. *Mercado global: a esfinge do presente*. In: SILVA Jr., C. A. (org.) *VI Circuito PROGRAD*. São Paulo : UNESP-PROGRAD, 1996.
- MEDIANO, Z. D. *Módulos instrucionais para medidas e avaliação em educação*. Rio de Janeiro : F. Alves, 2. ed., 1977.
- NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE ENSINO SUPERIOR (Grupo de Estudos sobre Ensino de Odontologia). ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO ODONTOLÓGICO (Comissão de Ensino). *Subsídios para o projeto pedagógico de curso de Odontologia (Minuta)*. São Paulo : USP, 1998.
- NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE - UFRJ. *Caderno semestral do laboratório de currículo e ensino*. Ano 1, n. 0, out. 1999.
- O DIRETOR. Boletim Informativo do Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (UDEMO). n. 1, jan. 1998.
- PERRI DE CARVALHO, A. C. *Novas disciplinas versus novos conhecimentos*. São Paulo : NUTES-USP, 2000 (mimeo).
- PIEIDADE, E. F. *Relatório da 1ª Reunião do Programa Latino-Americano de Inovações em Educação Odontológica*. Piracicaba : FOP-UNICAMP, 1976.
- VEIGA, I. P. A. *Repensando a didática*. Campinas : Papyrus, 12. ed., 1996.